REVISTA DE HISTORIA E DE ARTE

Louvada por Portaria do Ministerio da Instrucção Publica de 15 de Fevereiro de 1929
Premiada com Medalha d'Ouro na II Exposição de Sintra em 29 de Agosto de 1929

Editor-Director AFFONSO DE DORNELLAS
PALACIO DA ROCHA DO CONDE D'OBIDOS — LISBOA

Composto e impresso no
CENTRO TIP. COLONIAL — L. d'Abegoaria, 27 — LISBOA

II VOLUME — MAIO 1929 — NUMERO V

HERALDICA DE DOMINIO

ALCOBAÇA

Communicação apresentada em sessão de 21 de Março de 1923 da secção de Heraldica e Genealogia da Associação dos Archeologos Portuguezes, baseada no parecer approvado em sessão de 22 de Dezembro de 1922 da mesma secção.

CABE agora a vez a Alcobaça. Estão as Cidades e Villas de Portugal manifestando o desejo de rectificar, restaurar, ou crear o seu brazão, o seu sello e portanto o seu estandarte.

E assim, foi recebido o seguinte oficio:

— Camara Municipal do Concelho de Alcobaça. — Alcobaça, 17 de Julho de 1922. — A' Ex.ma Associação dos Archeologos. — Lisboa. — Em nome da Commissão executiva d'esta Camara Municipal, venho sollicitar de V. Ex.as se dignem ver se o desenho que junto envio está ou não em harmonia com as regras heraldicas, para o effeito de servir de brazão á Villa de Alcobaça. Deseja esta Camara Municipal fazer com que uma terra de certa importancia como é a séde d'este concelho, e para mais com um nome historico feito por motivo do seu velho convento dos Bernardos, possua tambem o seu brazão, e d'ahi o ter encarregado um distincto artista-amador de elaborar o desenho junto, que para a devida apreciação e approvação temos a honra de trazer ao conhecimento de V. Ex.as. Contando com a melhor collaboração de V. Ex.as na realização mais perfeita dos desejos que a este respeito nos anima, vos desejo. Saude e Fraternidade. — O Vice-Presidente (a) *Leonardo Taveira Pinto*. —

Lido este oficio na secção de Heraldica da Associação dos Archeologos Portuguezes, fui nomeado relator do parecer que apresentei em 22 de Dezembro de 1922 e que foi approvado.

Hoje venho descrever as bases para esse parecer.

Alcobaça, nome tantas vezes repetido no decorrer da nossa enorme historia de Portugal, segundo as melhores probabilidades nunca teve brazão, ou sello Municipal.

Manuel Vieira Natividade, um illustre archeologo portuguez entre os mais illustres, um incansavel escavador dos regiões do Concelho de Alcobaça e da sua historia, um estudioso que Alcobaça teve a felicidade de ter por filho, nos seus trabalhos de maior valor, não faz a menor referencia ao brazão ou sello do Municipio que tanto estudou.

Outros escriptores que viveram no Mosteiro d'Alcobaça como por exemplo Frei Bernardo de Brito na *Chronica de Cister* e na sua *Monarchia Lusitana*, e Frei Manuel dos Santos na *Alcobaça Illustrada* e *Alcobaça Vindicada*, tambem não se referem ao brazão d'esta Villa, como tambem o não fazem em dezenas de trabalhos de menor importancia, os frades do mesmo Mosteiro: Fr. Affonso da Cruz, Fr. Antonio Soares d'Albergaria, Fr. Arsenio da Paixão, Fr. Bernardino da Silva, Fr. Bernardo de Castello Branco, Fr. Diogo de Castilho, Fr. Fradique Espinola, Fr. Francisco Machado, Fr. Francisco Roballo, Fr. Gabriel d'Almeida, Fr. Gonçalo

da Silva, Fr. João Claro, Fr. João Caldeira, Fr. José Loureiro, Fr. Manuel da Rocha, Fr. Manuel de Figueiredo e Fr. Nicolau Vieira.

Villas ou Cidades que tiveram foral antigo, ou seja antes de D. Manuel I, tiveram concerteza o seu sello, o seu brazão e a sua bandeira.

As Cidades e Villas que pela primeira vez tiveram

Sello de Alcobaça segundo este parecer

foral novo, ou seja dado por D. Manuel I, poucas são as que teem o sello de facto organizado pelo seu Municipio.

Como os foraes de D. Manuel tinham sempre a primeira pagina illuminada com as armas de Portugal, com a Cruz de Christo e com o emblema particular d'este Rei, que era como se sabe a Esphera Armilar, as Cidades e Villas que não tinham brazão anterior, julgaram que a illuminura da primeira pagina lhes dizia respeito e então empregavam as armas de Portugal e a Esphera Armilar como se fosse um brazão local, juntando-lhe muitas vezes a Cruz de Christo. Não havia já aquelle espirito de independencia, não havia já aquella noção primitiva de autonomia, portanto aproveitava-se para sello ou brazão, qualquer coisa, como por exemplo o brazão que se encontrava no frontespicio do edificio onde a Camara estava instalada e que tinha sido propriedade de qualquer famillia.

Emfim a barafunda das armas das Cidades e Villas, começou no tempo de D. Manuel I para as terras que pela primeira vez tiveram foral n'esta epocha.

Alcobaça não teve foral antigo, os frades eram senhores absolutos d'aquelles territorios, os disimos e toda a casta de impostos eram para elles.

D. Manuel I elevou Alcobaça á cathegoria de Villa, dando-lhe foral em 1513.

Os frades não gostaram e fizeram desapparecer o foral, tendo os chronistas da ordem o cuidado de declararem que Alcobaça nunca teve foral, como diz o mais notavel d'elles todos, Fr. Manuel dos Santos em 1703 na sua *Alcobaça Illustrada*.

Alcobaça foi um pequeno estado independente. O Abade era o chefe poderoso d'aquelle authentico absolutismo. Tudo mandava como verdadeiro senhor que era, nomeando os alcaides dos seus castellos e ostentando os titulos de D. Abade do Real Mosteiro d'Alcobaça, de Esmoler-Mór do Reino, do Conselho d'El-Rei, de Donatario da Coroa, de Senhor dos Coutos e de Fronteiro Mor.

Uzava dentro e fóra do Mosteiro o habito episcopal e tinha assento em Cortes nos bancos dos Bispos immediatamente ao ultimo.

Nas suas Villas exercitavam os abades de Alcobaça, justiça, sentenciando penas de açoites, pregam, e degredo, etc., sem que estas sentenças tivessem apelação ou agravo.

Eram senhores das Villas de Alcobaça, Alfazeirão, Aljubarrota, Alvorninha, Cella, Cóz, Evora, Maiorga, Paredes, Pederneira, Santa Catherina, S. Martinho e Turquel, e dos Portos de Mar de S. Martinho do Porto e Paredes.

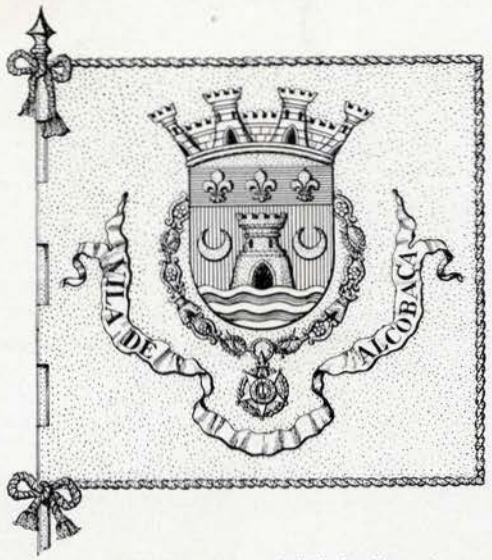
Eram senhores da Nazareth, Porto de Moz, Beringel, Otta e d'outras pequenas terras.

Os Abades de Alcobaça deram foraes a Aljubarrota, Cóz, Pederneira, Evora, Cella, Alfazeirão, Santa Catherina, Turquel, Moiorga e S. Martinho do Porto.

E para que dizer mais? Os Abades de Alcobaça eram Reis d'aquelle razoavel Reino.

Vamos ao brazão.

A Camara Municipal de Alcobaça enviou á Associação dos Archeologos como projecto do brazão para o



Bandeira de Alcobaça com as cores indicadas heraldicamente

seu Municipio, o brazão da Ordem de Cister que ainda hoje é uzado pelos Bernardos de todo o mundo.

Não pode pois ser aconselhado pela Secção de Heraldica, para o brazão da importante e historica Villa de Alcobaça.

Alcobaça é de existencia muito remota, sendo a epocha romana muito notavel, attendendo ás manifesta-

ções de civilização que por aquellas regiões encontrou principalmente, o fallecido Archeologo Manuel Vieira Nactividade, que eu tive a honra de conhecer e de ouvir, possuindo os seus trabalhos.

E' elle o grande historiador de Alcobaça como se vê pela sua obra *O Mosteiro de Alcobaça* (Notas Historicas) — Coimbra, 1885, e por trabalhos especiaes sobre archeologia e sobre os tumulos dos Reis D. Pedro e D. Ignez.

D. Affonso Henriques em 1148, naturalmente aos mesmos mouros que habitavam o Castello de Alfazeirão que pelo mesmo Rei foi tomado em 1147.

Pelos bons resultados da tomada de Santarem em 1147, D. Affonso Henriques fez o voto de doação das terras onde estava Alcobaça, a D. Bernardo de Claraval, portanto foi limpar essa extensão de terreno de todos os mouros que lá existiam, começando por Alfazeirão e depois Alcobaça. Estes dois Castellos foram abandonados

Bandeira e armas da Villa de Alcobaça

Esta Villa é evidentemente aquella povoação Romana «Helcobatioe» indicada na antiga geographia e que existia nas proximidades do velho Callipo (Leiria). Os vestigios romanos alli encontrados demonstram bem a grande importancia da velha Helcobatioe. Quem ler as obras de Vieira Nactividade verá o que era essa região e como se desenvolveu.

Esta povoação foi habitada por uma colonia arabe que construiu o Castello que devia ter sido tomado por sendo depois reconstruido o de Alcobaça pelos frades, para se refugiarem dos Mouros se fizessem outra investida ao Mosteiro como fizeram em 1195, degolando os frades que lá encontraram por ordem do chefe mouro Miramolim.

Em 1200 já o Castello de Alcobaça estava novamente em pé, até que o abalo de terra de 24 de Agosto de 1329 lhe derrocou grande parte, tornando concerteza a soffrer bastante quando os abalos de terra de 1563

destruiram muitas edificações em Alcobaça. Hoje existem apenas uns restos.

Deve portanto figurar no Brazão d'Alcobaça como peça principal, uma torre representativa do Castello. Seguiremos sempre por norma o indicar apenas uma torre quando a Villa ou Cidade não tenha sido cercada de muralhas e tenha tido apenas um castello para defeza da região.

Quando as Cidades ou Villas foram cercadas por muralhas, então heraldicamante constará no brazão um castello.

A origem do Castello de Alcobaça, é arabe, e serviu depois da existencia do Mosteiro para defeza contra os mouros, portanto devem figurar no brazão d'Alcobaça os crescentes que distinguiam aquelles dominadores d'aquella região, para demonstração da remota antiguidade do castello.

D. Affonso Henriques, aclamado Rei por aquelles que o acompanhavam na conquista de palmo a palmo do territorio que constitue a base fundamental da nacionalidade portugueza, não era de facto um Rei perante o mundo, sem que o Papa o confirmasse.

Perante as outras nações, D. Affonso Henriques não passava d'um vassallo revoltado de seu Primo o Rei de Castella, portanto necessitava proceder de forma que visse coroadô de exito o seu desejo de formar uma nação.

Um dos homens mais notaveis do mundo n'essa epocha, era Bernardo, que tendo nascido no Castello de Fontaine, proximo de Dijon em 1091 fundou em 1115 o Mosteiro de Claraval da Ordem de Cister onde foi Abbade e onde estabeleceu uma regra especial que foi seguida por toda a parte, fundando-se dezenas de conventos Bernardos.

Bernardo de Claraval pelas suas virtudes, sciencia e grande eloquencia, foi um dos grandes homens da igreja, revestido d'uma reputação tal que a sua opinião era uma lei immediatamente seguida.

Pela incumbencia que lhe deram de examinar os direitos á Thiara na questão entre os Papas Anacleto II e Innocencio II, ficou considerado a primeira auctoridade em assumptos de Religião Catholica. Optou por Innocencio II fazendo-o reconhecer pelos Reis de França e Inglaterra, etc.

Portada da «Chronica de Cister» por Fr. Bernardo de Brito. A' direita da gravura estão as Armas da Ordem de Cister

Morreu este grande homem em 20 de Agosto de 1153 com 63 annos de edade, sendo canonisado pelo Papa Alexandre III em 1174.

Durante a sua vida religiosa, foi considerado o verdadeiro governador da Igreja Catholica pela superioridade da sua fé e da sua intelligencia.

D. Affonso Henriques, dotado d'uma grande prespicacia e diplomacia, qualidades largamente reveladas por muitos actos da sua extraordinaria vida, comprehendeu que o futuro S. Bernardo, o grande Abade Bernardo de Claraval, seria o homem preciso para que o territorio que dominava fosse transformado n'uma nação independente.

Dada a tomada de Lisboa pelos Cruzados em 1147, seguiram-se inumeras doações de terrenos áquelles que quizeram ficar em Portugal e foram evidentemente aquellas generosas doações que serviram de fama e até talvez de recommendação para D. Affonso Henriques preparar as bases da nacionalidade portugueza.

D. Affonso Henriques valendo-se da recepção que fez aos Cruzados, dando-lhe tudo quanto quizeram, captou as sympathias do Abade D. Bernardo de Claraval, dando-lhe tambem tudo quanto quizesse para a fundação d'um Mosteiro da sua ordem, contanto que obtivesse a confirmação de Roma em como de facto era Rei e em como de facto os territorios que tinha conquistado, eram considerados uma authentica nação.

Assim foi e o Convento d'Alcobaça fez-se e a nacionalidade existe.

D. Bernardo de Claraval, segurou-se no negocio, exigindo a existencia d'um reino independente dentro do Reino de Portugal.

Mandou para cá Frater Rolandus com um pequeno sequito de frades que veiu negociar o caso, estabelecendo-se em Lisboa.

Das negociações resultou evidentemente a doação de toda a area de terreno que depois apparece como propriedade do Mosteiro de Alcobaça e Roland foi o primeiro Abade d'este Convento.

Depois é que foi inventada a lenda de D. Affonso Henriques que quando seguia para a tomada de Santarem, disse que daria a D. Bernardo de Claraval todo o terreno que se avistava lá do alto da serra, onde depois

Fr. Bernardo de Brito, que naturalmente inventou esta lenda, conseguiu que se construisse o Arco da Memoria, que apezar de ser uma construcção do seculo XVII, tem lá uma inscripção que diz foi construido no seculo XII.

Estabelecidos aquelles Frades que D. Bernardo de Calaraval mandou de Cister, nos terrenos de Alcobaça, construiu-se o Convento com todos aquelles poderes que são tão conhecidos e que bem demonstram que só um caso da maior importancia faria com que D. Affonso Henriques entregasse a estrangeiros tamanha area de terreno e com taes prorogativas, quando exactamente não descançava um momento em conquistar palmo a palmo de terra.

Foi o preço da nação independente que fez ceder não só o territorio como ainda o méro e mixto imperio na sua area. Durante seculos a nossa historia foi feita nos conventos, transformando todos os actos de pura intelligencia, prespicacia diplomacia e até bravura, em milagres e em phantasias. Era da epocha escrever a historia assim, era mesmo até necessario, concordamos, mas agora, que vivemos n'outro tempo e que sem receiarmos complicações, observamos os documentos e os factos, temos obrigação de procurar acertar tanto quanto possivel.

O Convento d'Alcobaça tem sido sempre tratado d'uma forma misteriosa, só Mannel Vieira Nactividade na sua bella obra *O Mosteiro d'Alcobaça* é que depois de analyzar o que os Frades escreveram e que por meio de documentos que forjaram trataram de justificar tudo a seu modo, analyzou os factos com um criterio pouco vulgar dando elementos para enormes estudos.

Projecto das Armas de Alcobaça, enviado pela Camara Municipal á Associação dos Archeologos Portuguezes

O Mosteiro d'Alcobaça, no decorrer da sua vida principalmente durante a existencia da primeira dymnastia, causa espanto pela protecção e respeito que os primeiros Reis de Portugal lhe consagraram. Era tudo quanto os frades sonhavam, tudo se lhe fazia. E' a maior demonstração de reconhecimento que existe na nossa Historia. Via-se bem como apreciavam o verdadeiro penhor da independencia nacional que disfructavam e que por uma forma tão brilhante mantiveram.

Mas, se agora o abuso invade com rapidez vertiginosa, n'aquellas epochas tambem já existia se bem com marcha vagarosa. Em todo o caso já vemos o Rei D. Fernando ir a Alcobaça propositadamente para que fosse eleito um Abade da sua feição, o celebre Fr. D. João de Dornellas, quando os abades d'Alcobaça eram nomeados pelo Abade de Claraval.

Depois, D. João I, Rei feito pelo povo e firmado na vontade popular, cheio de intelligencia e de patriotismo, vendo o abuso que tudo corruia, procurou como muito bem se sabe obstar á perda eminente da nacionalidade e então é vel-o, tal como D. Affonso Henriques, conquistando de novo e recuperando o perdido, fazendo levantar Portugal do somno em que se encontrava.

A nacionalidade estava bem firmada portanto já não era necessario manter um feudo de Cister em Alcobaça, não queria extranhos a mandar cá dentro, portanto em voz alta e firme, nas cortes de Santarem em 1427, esse grande Rei, declara que o Mosteiro de Alcobaça lhe pertencia, e que podia fazer d'elle o que quizesse.

A independencia completa de Portugal foi pois proclamada com essa phrase historica.

Alcobaça portanto serviu para firmar a nacionalidade portugueza, para a tornar reconhecida pelo mundo, com a confirmação do Papa Eugenio III da coroação de D. Affonso Henriques e serviu, sendo o penhor de tamanha vantagem, para com o seu resgate, com a sua independencia, tornar Portugal perfeitamente livre.

Só um Rei sem compromissos, sahido d'uma revolução, sahido da vontade do povo, teria concerteza força e energia para tal acto que praticado por qualquer dos Reis anteriores, seria uma ingratidão.

E' pois o Mosteiro d'Alcobaça um monumento da maior tradicção historica e a sua fundação o primeiro acto de grande valor para a fundação da Nação Portugueza.

No Brazão d'Alcobaça deve portanto existir alguma coisa que defina bem tal circunstancia e assim colloquem-se-lhe tres flores de liz d'ouro n'um chefe de azul, como elementos extrahidos do brazão da ordem de S. Bernardo, que tambem os adoptou por constituirem as armas da França donde era natural e onde fundou a sua Ordem.

Ficam portanto representados no Brazão d'Alcobaça: o Castello e os crescentes como representantes da sua existencia quando foi encorporada no territorio portuguez; as flores de liz, representando a sua importancia na Historia Geral de Portugal; sendo mais necessario que alguma coisa indique o valor da sua vida de facto e assim, na base do castello, collocaremos os dois rios que se chamam Alcoa e Baça e que se juntam dentro da Villa, e são partes do seu nome que evidentemente foi dividido para dar os nomes aos rios e não o contrario, como muitos dizem.

O Alcoa e Baça, são a alma viva d'aquellas regiões. A industria e a agricultura tão desenvolvida em Alco-

baça, tudo devem aquelles dois rios, portanto o Brazão d'Alcobaça, assim constituido demonstra a vida e a historia d'essa antiquissima Villa de tão curiosas e historicas tradicções.

As peças principaes do brazão, são de ouro, portanto deve ser d'esta cor a sua bandeira como de ouro é a sua historia.

Sello de Alhandra segundo este parecer

Foi Alcobaça agraciada com a Ordem Militar da Torre e Espada do Valor Lealdade e Merito pelo decreto n.º 5664 de 10 de Maio de 1919 portanto o brazão deve ser circundado pelo colar da mesma Ordem.

Em resumo.

O brazão que propomos para Alcobaça deverá ser portanto:

— De vermelho com uma torre de ouro assente n'um contra chefe ondado de prata carregado de duas Ribeiras de azul. A Torre acompanhada de dois crescentes de ouro um em cada flanco.

— Chefe cosido de azul carregado de trez flores de liz d'ouro.

— O escudo cercado pelo colar da Ordem Militar da Torre Espada do Valor Lealdade e Merito e encimada por uma coroa de prata de quatro torres.

— A Bandeira medindo um metro por lado, não incluindo o espaço das persilhas em que entra a haste, deve ser amarella côr de ouro por de ouro ser a peça principal do brazão.

— Cordões. borlas, haste e lança de ouro.

— Por debaixo das armas uma fita branca com letras pretas.

ALHANDRA

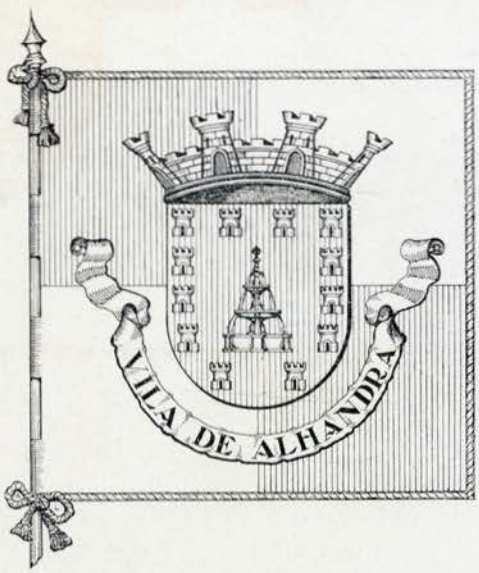
Parecer apresentado por Affonso de Dornellas á Secção de Heraldica da Associação dos Arqueologos Portuguezes e aprovado em sessão de 28 de Dezembro de 1927.

A antiga Villa de Alhandra deseja ter o seu estandarte conforme se vê pelo seguinte oficio:

Junta de Parochia Civil de Alhandra — Ex.mo Sr. — Desejando a Comissão Administrativa da Junta de Freguezia de Alhandra mandar fazer o escudo, com as armas da vila, tomo a liberdade de pedir a V. Ex.a o favor de nos darem as indicações precisas, sobre este assunto, fornecendo-nos os elementos para que possamos efectivar o nosso objectivo. — Com os nossos maiores e anticipados agradecimentos, desejamos a V. Ex.a Saude e Fraternidade. — O Presidente da Junta de Freguezia de Alhandra (a) *Filipe Pinheiro.* — Alhandra, 15 de Setembro de 1927. — Ao Ex.mo Sr. Presidente da Associação das Arqueologos.

Alhandra teve o seu foral dado pelo Bispo de Lisboa, D. Sueiro II, em Abril de 1203 conforme está registado a folhas 5 verso do Livro dos Foraes Antigos de Leitura Nova, existentes na Torre do Tombo.

Como este foral fosse muito exigente, foi modificado



Bandeira de Alhandra com as cores indicadas heraldicamente

em 11 de Janeiro de 1480 pelo Cardeal D. Jorge da Costa.

Como é bem conhecida a veneração que este Cardeal teve por Santa Catherina, talvez se possa atribuir a fundação sua, uma capela d'esta invocação que existiu em Alhandra e que depois de ampliada e transformada em Igreja em 1558 pelo Cardeal D. Henrique, foi a Matriz de Alhandra.

Como Villa, devia Alhandra ter o seu sello para authenticar os seus editaes, mas naturalmente como sucedeu a tantas outras terras de Portugal, perdeu-se.

Rodrigo Mendes da Silva na sua obra «Población General de España, sus trofeos, blasones, etc.», Madrid, 1645, referindo-se a Alhandra a folhas 166, não lhe indica armas certamente por já não serem conhecidas n'essa epocha, pois foi notavel a investigação d'este heraldista sobre as Armas de Dominio de Portugal e Espanha.

Não apparece referencia ás suas Armas pelo menos n'aquellas obras impressas ou manuscriptas que tratam de Heraldica de Dominio.

E' pois necessario crear umas Armas para Alhandra em conformidade com a sua historia e as suas tradicções.

Procuremos esses elementos.

As celebres Linhas de Torres, onde tão acesa foi a guerra peninsular, tinham e seu inicio em Alhandra onde no seu districto existiam trinta redutos que tão forte resistencia deram durante a mesma guerra em defeza da Cidade de Lisboa.

Este caso notavel, deve ter a sua representação nas Armas de Alhandra. Outro caso importante caracteriza a Villa de Alhandra desde a velha antiguidade.

Bandeira a armas da Villa de Alhandra

Na Quinta do Paraizo, onde se tem repetido que nasceu Affonso de Albuquerque e seu Filho, facto que hoje é considerado bastante duvidoso, existe uma nascente d'agua sulfurosa de corrente constante, muito afamada pelas suas propriedades curativas de males de pelle. Alli ha tambem uma piscina de pedra para uzo das mesmas aguas.

Procurando conhecer a significação da palavra Alhandra, encontro uma muito parecida que se vê que é a original e Alhandra a corrupção.

Alhama é a traducção árabe de *banho*, chamando-se alhama aos sitios onde nasciam aguas medicinaes.

Em Espanha existem as seguintes povoações com este nome:

— Alhama, cidade da provincia de Granada, notavel pelas suas aguas mineraes classificadas de *sulfatadas magnesicas*. Foram tão notaveis estas aguas no tempo dos arabes, que produziram 500.000 ducados annuaes para o thesouro dos Califas.

— Alhama, cidade da provincia de Murcia, notavel pelo manancial de aguas mineraes classificadas de *sulfatadas cálcicas, mesotermaes e hipertermaes*.

— Alhama, villa da provincia de Saragoça, notavel pelas suas aguas mineraes. Os Romanos chamavam a este local *Aquæ Bilbilitanoe* ou *Aquoe Bilbilitanorum*. Os arabes traduziram este nome por Alhama.

— Alhama la Seca, villa da provincia de Almeria, notavel pelas suas aguas mineraes. Os arabes chamavam-lhe «Alhama Gaxaxar», conforme cita Edrisi, geographo arabe.

— Alhama Uexitan, hoje Alicun, na provincia de Almeria. A traducção de Alhama Uexitan, é Banhos Hueciganos, lugar tambem citado pelo referido Edrisi.

Ha tambem rios com o mesmo nome de Alhama, que banhando varias terras abasteciam piscinas para banhos, como por exemplo o Rio Alhama da provincia de Soria; o Rio Alhama da provincia de Granada, etc.

Com o producto d'esta investigação, conjugado com o conhecimento da existencia de aguas sulfurosas em Alhandra, fico convencido de que a Alhandra é uma corrupção de ALHAMA.

Seja assim ou não, existem de facto as aguas medicinaes n'aquella Villa, portanto, tal caso, deve figurar nas suas Armas, principalmente depois de alvitrada, como agora fica, a suspeição de que foram essas aguas que deram o nome á Villa.

Em face do exposto, propomos que as Armas da Villa de Alhandra, sejam as seguintes:

— *De vermelho com uma fonte de prata repuxando agua, do mesmo metal. A fonte acompanhada de doze torres tambem de prata, colocadas em orla.*

Coroa mural de quatro torres de prata.

Bandeira de vermelho e de branco por serem assim os esmaltes das Armas. Por debaixo das Armas uma fita branca com letras pretas. Cordões e borlas de vermelho e prata. Hasta e lança de prata.

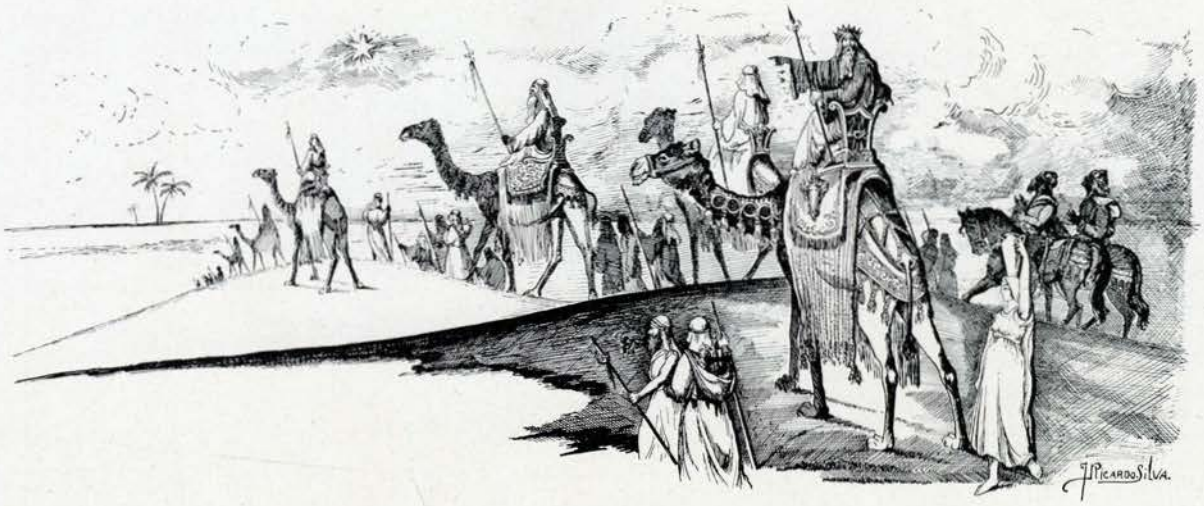
Proponho que o campo seja de vermelho, por ser a região de Alhandra um verdadeiro campo de luctas quando da Guerra Peninsular. Os trinta reductos ficam representados pelas doze torres de prata, sendo proposto esse metal, como do mesmo propomos que seja a fonte que representa as aguas medicinaes, por a prata em heraldica denotar vencimento e riqueza.

*

* *

Vejamos agora um oficio acusando a recepção d'este parecer:

Ex.mo Sr. Presidente da Associação dos Arqueologos Portuguezes. — Lisboa. — Tenho a honra de comunicar a V. Ex.a que a Junta da minha presidencia, tendo recebido em devido tempo o estudo e desenho das armas d'esta villa, o aprovou, resolvendo exarar na acta um voto de agradecimento a essa Associação e em especial ao Ex.mo Sr Affonso de Dornellas, pelo seu proficiente trabalho. Com os protestos da maior consideração desejo a V. Ex.a Saude e Fraternidade. Alhandra, 5 de Fevereiro de 1929. Comissão Administrativa da Junta de Freguezia de Alhandra. O Presidente, *João Ignacio*.



PRESEPIOS NOTAVEIS

Elementos de estudo sobre o presepio mandado fazer por José Joaquim de Castro, propriedade actual do Sr. D. Francisco d'Almeida

Apontamentos coligidos por Affonso de Dornellas

ENTRE as interessantes manifestações de Arte Portuguesa que tão curioso era que bem se conhecessem, há o grande factor dos escultores principalmente de barro e madeira que deixaram bellos exemplares nos conventos e nas egrejas e até mesmo em casas particulares.

Os estudiosos portugueses infelizmente, não tem cuidado de organisar inventarios do nosso patrimonio artistico, cada vez mais difficil de saber onde pára, pois todos os dias se dispersa um pouco para mais longe. Quase que se pode garantir que em todos os paizes do Mundo existem manifestações d'arte portuguesa, em destaque apreciavel entre os objectos d'arte doutras procedencias.

Fundei o «Elucidario Nobiliarchico», com o intuito de aqui deixar arrumados elementos para organisação de inventarios.

Já há muitos annos que alimento a esperança de poder publicar alguma coisa sobre os presépios em que muito trabalhou o celebre escultor Joaquim Machado de Castro. Ainda hoje o seu nome serve de recomendação aos vendedores de objectos antigos, atribuindo-lhe a autoria de quantas imagens de barro ou de madeira teem á venda, mesmo que sejam de pessima escultura.

Para quem tenha procurado conhecer as diferentes peças deste genero, já não se ilude com as atribuições de procedencia dadas gratuitamente.

São os prosepios, os principaes aglomerados de figuras, sendo considerados notaveis em Portugal, os da Sé de Lisboa, da Igreja da Madre de Deus, da Basilica da Estrella, do Colegio de Campolide e pouco mais, sendo citado e algumas vezes reprodusido em aspecto geral, o que foi mandado fazer pelo grande colecionador de objectos d'arte do principio do seculo XIX, José Joaquim de Castro, irmão do celebre pregador e escritor Henrique José de Castro e filhos do Capitão André Lopes de Castro e de sua mulher D. Antonia Maria Rosa de Castro. Eram, segundo se repete, parentes do Abade de Castro e de Machado de Castro.

Vejamos rapidamente quem foram os diferentes proprietarios do celebre Presepio.

Do casamento de José Joaquim de Castro nasceram os dois filhos seguintes:

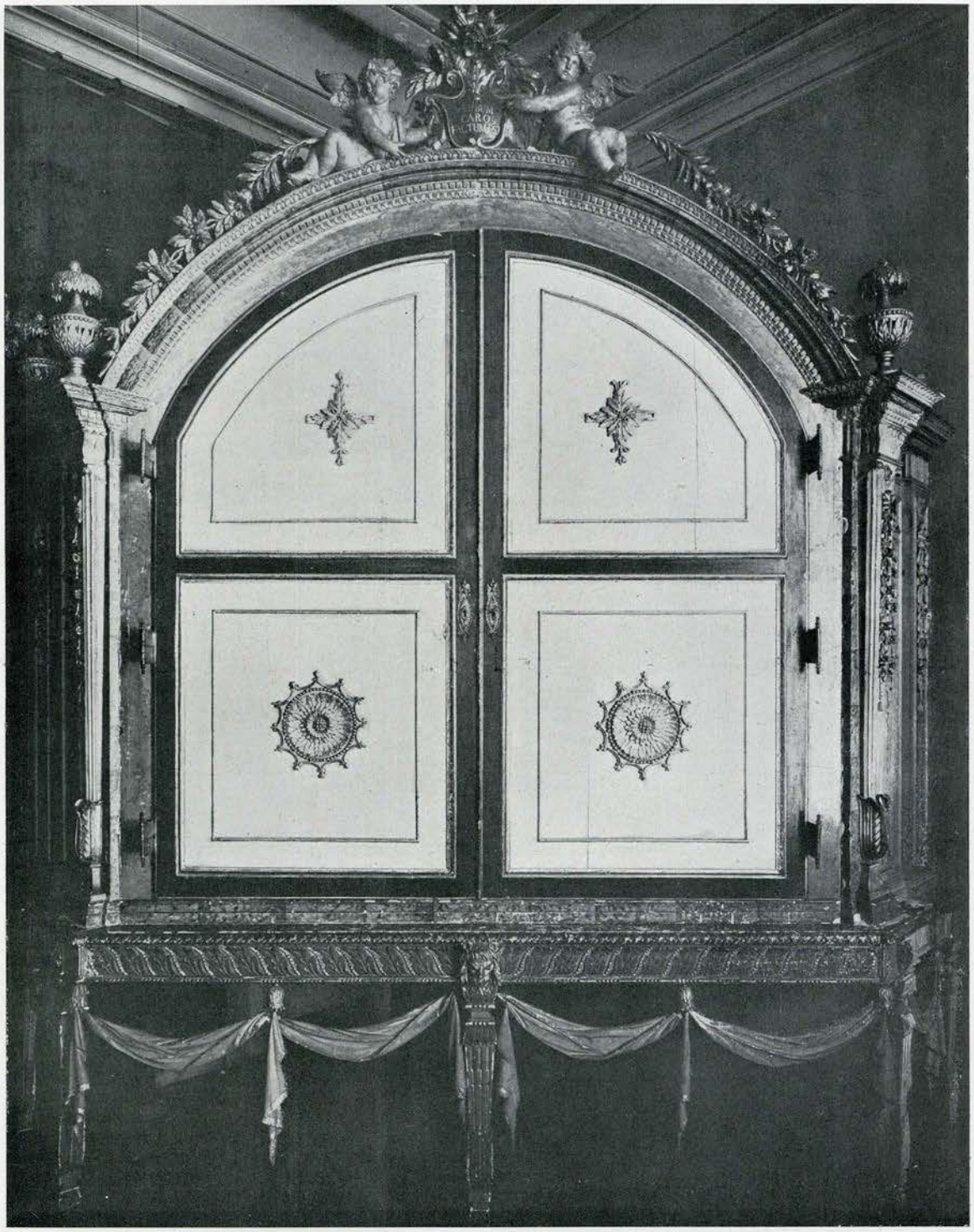
ANTONIO FIALHO DE CASTRO que segue:

D. Augusta Fialho de Castro que casou com Francisco José de Castro Lemos e tiveram D. Maria Augusta de Castro e Lemos que foi casada com o Dr. Francisco Pulido Garcia e não tiveram filhos, pelo que esta ultima senhora, proprietaria do celebre Presepio, o deixou ao seu primo, abaixo indicado, Conselheiro Augusto Carlos Fialho de Castro.

ANTONIO FIALHO DE CASTRO, casou duas vezes, tendo nascido do seu segundo casamento, o Dr. Affonso de Lemos.

Do primeiro nasceu o

CONSELHEIRO AUGUSTO CARLOS FIALHO DE CASTRO, herdeiro das preciosidades acumuladas no Palacio da Rua de S. Ma-



Armario propositadamente feito para o Presepio. — Mede no maximo da sua altura 3m,30; no maximo da sua largura 3m,30 e no maximo da sua profundidade 1m,45.
A parte principal de talha deve ser da autoria de Joaquim José de Barros e deve ter custado 24$00

mede ao Caldas em Lisboa, entre as quais se contava o precioso Presepio que vendeu ao Sr. D. Francisco d'Almeida.

Como acima disse, quando tratei da sr. D. Maria Augusta de Castro e Lemos, esta senhora, que morreu sem geração, deixou o principal recheio do referido palacio a este seu primo o Conselheiro Fialho de Castro, que se casou com D. Amelia Tovar de Lemos, irmã do falecido Conde de Tovar, Ministro de Portugal, em Madrid

dade que eu de longa data conhecia o Presepio que motivou este estudo.

Deste casamento nasceu:

DR. LUIZ AUGUSTO DE CASTRO ANDRADE D'ALBUQUERQUE BETTENCOURT que há pouco se formou em Direito. Teve a amabilidade de me emprestar os documentos referentes ao Presepio e que aqui transcrevo, dando-me auctorisação para em seguida os ofe-

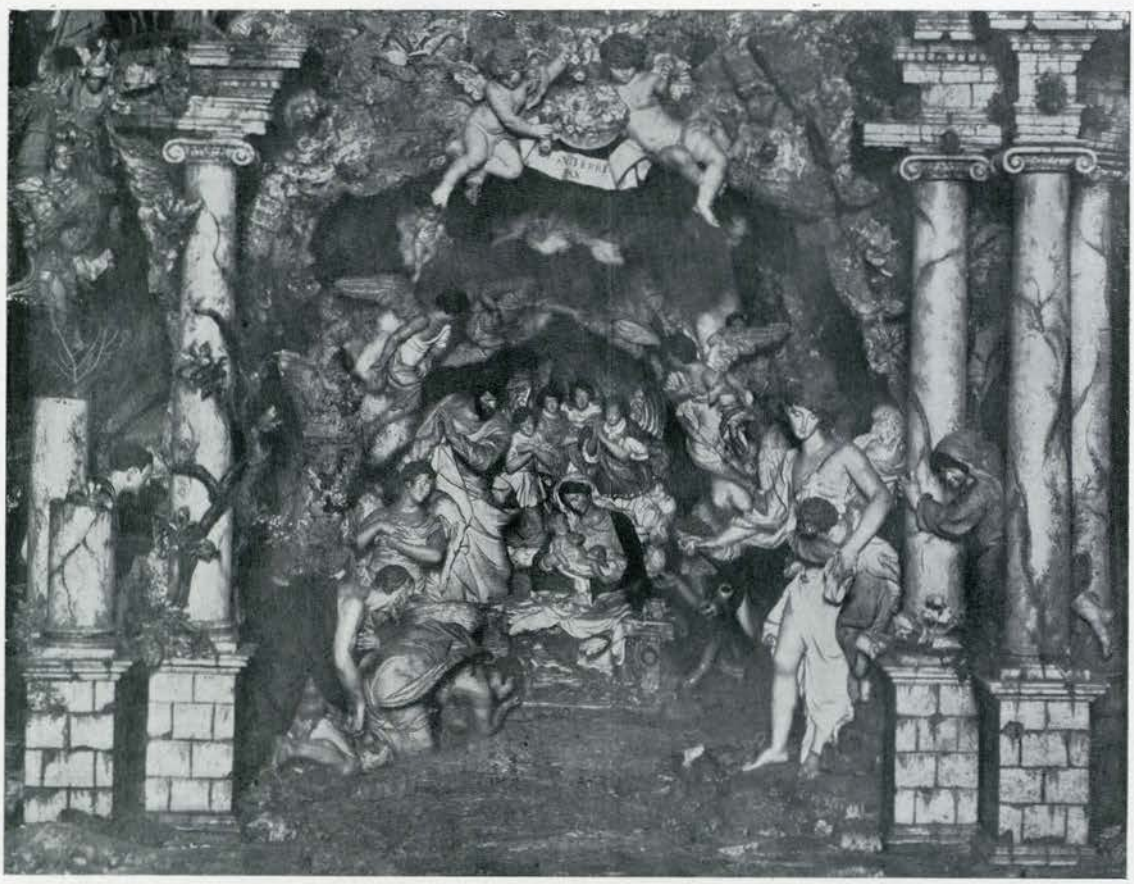
Aspecto geral do Presepio. – Mede 1m,96 de largura; 2m,00 de altura e 1m,35 de profundidade

Do casamento do Conselheiro Fialho de Castro nasceu:

D. MARIA LAVINIA TOVAR E CASTRO que casou com Luis Filipe de Freitas Andrade de Albuquerque Bettencourt, da Associação dos Archeologos Portugueses e actualmente sub-chefe da Repartição de Contabilidade do Ministerio da Agricultura. Foi devido á sua amabilidade em seu nome ao Sr. D. Francisco d'Almeida, para assim continuarem em poder do proprietario do mesmo Presepio.

recer

O Dr. Luiz Augusto de Castro Andrade d'Albuquerque Bettencourt, casou com D. Maria Luiza Galvão de Ferreira Lima, filha do Dr. João de Campos Ferreira Lima e de D. Maria Estevina Galvão.



Grupo Central do Presepio. — Mede em largura incluindo as columnas 0m,95. A altura da columna maior e de 0m,72

E' pois sobre este Presepio mandado fazer por José Joaquim de Castro que venho dar alguns esclarecimentos com o intuito de auxiliar quem deseje estudar tal ramo de bellas artes.

Há talvez 20 annos, que pela primeira vez vi essa grande preciosidade, quando ainda estava incluida no museu d'arte do falecido Sr. Conselheiro Augusto Carlos Fialho de Castro.

Foi seu genro, o meu velho amigo Luiz Felipe de Freitas d'Andrade Albuquerque de Bettencourt, que me obteve a necessaria permissão para contemplar esse admiravel trabalho de artistas portugueses. Foi ainda este meu amigo que no Archivo da Casa encontrou varios documentos do mais alto interesse para este Presepio e para o conhecimento da sua construção.

Grupo Central do Presepio, mede de largo 0m,23. — Da autoria de Machado de Castro

Algumas das figuras principaes as que ocupam os primeiros planos, são da autoria de Machado de Castro, amigo e talvez parente de José Joaquim de Castro, a quem as ofereceu.

Há annos, ainda em vida do Sr. Conselheiro Fialho de Castro, passou o presepio para a posse do Sr. D. Francisco d'Almeida que o tem entre as suas admiraveis colleções no seu bello Palacio do Largo do Barão

de Quintella. Foi o Sr. D. Francisco d'Almeida que o anno passado de 1928 me permitiu que pelo habil fotografo Sr. Otavio Bobone, fossem reproduzidas as principaes peças em separado e varios aspectos do conjunto.

Ao Sr. Dr. Luiz Augusto de Castro d'Andrade Albuquerque Bettencourt, filho do meu amigo acima citado e portanto neto do Sr. Conselheiro Fialho de Castro, devo o favor como já disse, de consentir que aqui reprodusisse os documentos referentes á parte que não foi feita por Machado de Castro. Melhor seria que este grande mestre tivesse levado dinheiro ao amigo e parente para hoje sabermos quanto custariam os admiraveis grupos que sahiram das suas mãos.

Rei Mago acompanhado d'um negro que vae a pé. — Está sobre os capiteis das columnas da direita do observador. — Mede de altura 0m,24. — E' da autoria de Machado de Castro

Levou varios annos a fazer este presepio, como se vê dos documentos adeante transcritos.

José Joaquim de Castro proprietario do mesmo presepio, teve serias questões com um dos artistas e seu compadre, Joaquim José de Barros, conforme se vê por uma carta que lhe escreveu em 3 de fevereiro de 1807, que não remeteu ao destinatario nessa occasião conforme uma observação final, sem data, parecendo ainda que nunca lh'a chegou a remeter, visto que apareceu no seu archivo.

Felizmente existe tal carta que nos dá varios elementos, conforme se vae vêr:

Snr. Joaq.m José de Barros. Com effeito eu nunca me persuadi q. vm.ce fosse capas de querer q. eu lhe pagasse duas vezes a quantia de $ rs. pois q. sendo a vm.ce já abonados na conta q. lhe remetti, v.m.ce agora novamen.te os abona; e este modo de proceder junto a tudo o mais q. vm.ce tem praticado me fas fazer de v.m.ce o verdad.ro conceito q. merece; pois q. ou isto he simplicidad.e o q. duvido; ou ignorancia, o q. não supponho da sua alta sabedoria em tudo; ou então hé huma rigorosa velhacada, fazendo-lhe m.to favor em lhe aplicar som.e este nome, pois tãobem se lhe pode chamar huma ladroeira querendo q. em logar de $ lhe abone $ (o duplo). Ora Snr. Compadre, não faça de mim tão nescio, e deve ter todo o cuidado comigo porq. já não estou em termos de aturar a v. m.ce a mais pequena cousa; e p.a q. v.m.ce saiba quaes são as addicções q. quer abonar segunda vez, aqui no fim desta carta as faço transcrever p.a sua confusão. Em quanto do preço por q. v.m.ce me carrega todas as outras figuras de q. v.m.ce ainda me não tinha dado conta devo dizer-lhe q. não me servem, por q. não estou obr.o a satisfaser a v.m.ce o q. o seu caprixo lhe dicta; por tanto pode v.m.ce dispor dellas, satisfazendo primeiro o q. me deve; ou então sugeitar-se a huma avaliação q. lhe fação os Mestres d'Esculptura q. v. m.ce escolher, p.a eu as receber pelo preço por q. forem avaliadas, aliás pode v m.ce dispor dellas, e isto deve resolver logo, e logo, quando não mando notificalo p.a esse fim, pois q. de outra forma me não servem. Remetto a v.m.ce a conta inclusa, na qual lhe abono tudo quanto v.m.ce aprezenta na sua conta; e athé lhe abono os 12$800 rs. da direcção da Caixa, na qual v.m.ce tanto errou, q. se eu não a mando fazer maior, então he q. realmen.e ficava rediculizada, e irrizoria, e ainda em sima quer v.m.ce q. eu lhe pague os seus erros, carregando-me 12$800; em fim quero em tudo ceder, e condescender com o q. v.m.ce carrega, por q. me fica a vaidade, e satisfação de q. v.m.ce vai aprendendo á m.a custa p.a outra alguma caixa q mande fazer. Deve tãobem saber q. eu só julguei necessaria a sua direcção emquanto o suppus com honra; mas no momento em q. me dirigio a sua carta tão petulante, e calumniadora, logo immediatam.e despensei a sua direcção, e com tanta felicidade q. promptam.e se coucluio tudo conseguindo o bom arranjam.to da obra com o dezarranjam.to de m.tas couzas q. v.m.ce tinha ordenado, e portanto não quero q. fique com a vaid.e de julgar necessaria a sua direcção. Manifeste o sentim.to do seu coração, falle a verd.e, e diga, q. como de repente se acabou, e secou a fonte aonde v.m.ce mandava buscar o d.ro q. queria, como queria, e q.do queria; e como vio q. com as suas figuras hião emparelhar outras q. havião indespensavelm.te receber louvores (como realm.te tem recebido); não pôde por isso sofrer, e por castigo da sua pouca amiz.e p.a comigo, se castigou a si proprio, dirigindo-me cartas tão insolentes, e imprudentes. Torno a repetir a v.m.ce q. decesivam.te lhe determino, e determino q. suspenda v.m.ce todas as obras q. lhe havia encomendado sem q. me deva importar se v.m.ce tem m tas, ou poucas obras, mas só, e unicam.te q. não quero, e não quero relação alguma com v.m ce por estar já cançado de o sofrer, e quem tiver p.a isso obrigação, q. o sofra, porq. eu absolutam.e

não quero, e não quero, e fique v.m.ce m.to bem nesta intelligencia, pois eu não posso fallar com portuguez mais claro, e assim lho determino, e determino, assim como q. v.m.ce me remetta promptam.e a imagem do Santo Christo q. v.m ce tinha levado p.a emendar porq. devo entrega-lo a seus dons. Recomendo-lhe m to q. mande com effeito buscar todas as taes figuras satisfazendo primeiro o q. me deve, ou q. decida prompto a respeito de serem avaliadas, pois q. de outra forma não as quero, na certeza q. eu heide buscar todos os meios passiveis p.a q. v.m.ce me não coma por tollo empurrando-me os taes figuroens pelo preço q. quer sem alma nem consciencia. Aconselhe-se bem, e com bons letrados, mas lembre-se sempre q. vai mal no jogo, comigo, por q. estou na firme resolução de não parar athe conclusão final deste embrexado, o q. lhe sirva de governo. Nunca pensei de obrar por similhante modo, e he bem contra o meu genio, porem v.m.ce com o seu modo de proceder he q. me tem obrigado a isso, e o devo assim fazer p.a lhe servir de lição p.a o futuro p.a saber o modo porq. deverá portar-se com algum outro am.o aq.em v.m.ce deva favores, e obsequios. Posto q. as figuras q não quero estão ou pintadas de todo, ou principiadas a pintar, e esta despeza eu já a tenho inteirado a Ant.o Pinto; apezar disso quero antes perder essa despesa levando-as v.m.ce já pintadas, sem q. essa pintura lhe custe dinheiro algum. Saiba tãobem q. hé tão desgraçada a conta que me remette, q. dizendo, e confeçando q. se deve abater 43$200 res. da pintura, não os abate e continua por diante carregando, e fazendo conta de Gram Capitão, e por tanto, outro officio Sr. Compadre. D.s guarde a v.m.ce m. a. De V.m.ce servo e C. José Joaquim de Castro. Em 3.a fei.a 3 de Fev.o de 1807.

Rei Mago. Está no plano limitado pelos capiteis das columnas. Vae a seguir ao Rei Mago que vae acompanhado d'um negro a pé. — Mede de altura 0m,24. — E' da autoria de Machado de Castro

Assignatura do proprietario do Presepio

Segue-se a conta das adições que o artista queria que fossem abonadas segunda vez:

Pelo concerto das Figuras que forão de Pedro Alex.no		33$600
Pelo escoltura da Caixa, e banca do Prezepio.....		24$000
Pelos tres Torroens das Cidadellas com pintura		28$800
Pelo Torrão do Recorde com cinco figuras com pintura		35$200
Pelo Anjo Custodio com pintura		24$000
D.o ao forno.....		3$200
R.s...		148$800

A seguir tem esta observação:

P. S. — Esta carta estava feita há m.to tempo, e agora vai exegindo-se della a prompta resolução, aliaz se uzará dos meios competentes fazendo-o citar immediatam.e p.a o q. fica dito.

Esta admiravel carta, alem da tremenda e curiosa descompostura tras preciosas indicações, dando-nos elementos de maior interesse, sendo porem muito natural que nunca chegasse ao seu destino visto que se conservou no archivo da casa exactamente junto ás contas que aqui transcrevo.

Outro precioso documento para ficarmos sabendo a procedencia de varios grupos e do seu custo, escrito por José Joaquim de Castro é o que se segue:

Por ajuste de contas que fez com o Snr. José Joaquim de Castro, em 14 de Junho de 1806, dos dinheiros que tinha recebido como constava das suas Cartas ficou devendo ..... 287$200

Depois deste ajuste de contas recebeu mais...		9$600	
D.o	D.o	9$600	
D.o	D.o	9$600	
D.o	D.o	6$400	
D.o	D.o	6$400	
D.o	D.o	6$400	
D.o	D.o	19$200	
D.o	D.o	6$400	73$600
Recebeo mais, que Deve, emprestado por conta dos seus ordenados: a saber			
Em 26 de Agosto de 1802.....		82$000	
Em 6 de Janeiro de 1803.....		40$000	
Em 15 de Fevereiro d.o.....		39$200	161$200
R.s...			522$000

Abate-se desta Conta, como consta da relação assignada pelo Snr. Joaq.m J.e de Barros em 14 de Junho de 1806 o seguinte: A saber		
Pelo Concerto das Figuras que forão de Pedro Alex.no	33$600	
Pela escoltura da Caixa, e banca do Prezepio	24$000	
Pelos tres torroens das Cidadelas com pintura	28$800	
Pelo torão do Recorde com cinco figuras, com pintura	35$200	
Pelo Anjo Custodio com pintura	24$000	
Ao forno	3$200	148$800
Deve R.s		373$200
Deve o Snr. Joze Joaquim de Castro, como consta da Conta que remeteo o Sr. Joaq.m J.e de Barros em 30 de Dez.bro de 1806.		
Pelo Torrão dos Camellos, com pintura		18$400
D.o Torrão dos Trombeteiros, com pintura e concerto		47$400
D.o Torrão do Elifante com pintura e concerto		20$400
D.o Criados que acompanhão de pé, com pintura, e concerto		19$200
D.o Torrão da Azenha, com pintura		14$400
D.o o Torrão do Mouro, com pintura		28$800
D.o o Torrão do Porco, com pintura		38$400
D.o os Rapazes das Flores, sem pintura		12$800
D.o o Rapaz da Coluna, sem pintura		6$400
D.o Por hum recibo do Sr. Castro, de trinta mil reis em papel		30$000
		236$200
Abatesse desta quantia, a pintura, que estava justa em		43$000
Fica Liquido		193$200
Deve mais o Sr. Castro, o seguinte		
Pela reforma que fez na Maquineta do Sr. dos Paços		25$600
D.o pela direcção da Caixa do Prezepio		12$800
D.o direcção dos Montes, e armação do Prezepio		28$800
		260$400
Deve o Sr. Joaq.m J.s de Barros por saldo R.s		112$800

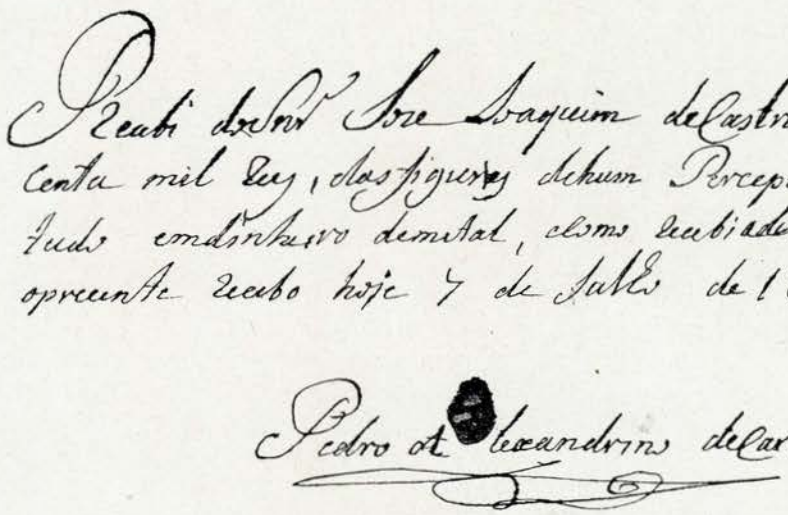
Todos estes grupos e torrões lá se encontram, verificando-se que o seu auctor éra bem digno de figurar ao pé de Joaquim Machado de Castro.

Na carta acima transcrita, dlz José Joaquim de Castro, que as figuras fornecidas por Joaquim José de Barros, foram pintadas por Antonio Pinto.

Vejamos um documento escrito por José Joaquim de Castro sobre o assumpto:

O Sr. Antonio Pinto

1806 Pelas ferias de dias do Prezepio	
Pelos primeiros dias q. trabalhou no anno pass.o de 1805 — 16 dias — a 1000 rs	16$000
Nov.bro 8 P.s 5 dias da semana q. findou neste dia a 1000	5$000
15 P.s 5 e 1/2 d.as da semana q findou neste dia a d.o	5$500
22 P.s 6 d.as da semana q. findou neste dia a d.o	6$000
29 P.s 6 d.as da semana q. findou neste dia a d.o	6$000
Dez.bro 6 P.s 6 d.as da semana q. findou neste dia a d.o	6$000
13 P.s 6 d.as da semana q. findou neste dia a d.o	6$000
20 P.s 6 d.as da semana q. findou neste dia a d.o	6$000
P.s 3 d.s da semana de Festa	3$000
28 Mandou o Sr. J.e J.m q lhe abonase mais	4$200



Reprodução do recibo passado por Pedro Alexandrino de Carvalho

Na conta com Joaquim José de Barros aparece a verba de 33$600 reis pelo concerto das figuras que foram adquiridas a Pedro Alexandrino de Carvalho, aparecendo felizmente o recibo deste grande artista que excepcionalmente reproduzo em gravura.

Esse recibo tem no verso, da letra de José Joaquim de Castro a seguinte referencia:

Lisboa. 7 de Julho — Recibo de Pedro Alexandrino de Carvalho —260$000 R.s

O recibo diz:

Recebi do Sr. Jozé Joaquim de Castro, duzentos e secenta mil reis, das figuras de hum Percepio que Revendi, tudo em dinheiro de metal, e como recebi a dita quantia pcei opresente recibo hoje 7 de Julho de 1805.

Pedro Alexandrino de Carv.o

Qual seria a acção deste celebre pintor no prese-

pio de José Joaquim de Castro? Seria apenas vendedor de figuras de presepio? Seria auctor dessas figuras? Em todo o caso, elle diz: «Revendi».

Infelizmente não se sabe quaes seriam estas figuras. O custo dellas porem não foi pequeno, 260$000 reis em 1805, éra dinheiro. Seriam aquelas que ocupam os ultimos planos e que aparecem isoladas, visto não existir qualquer referencia ao custo d'ellas?

Pedro Alexandrino de Carvalho era natural da freguesia dos Anjos de Lisboa, onde nasceu em 27 de Novembro de 1729, morrendo em 27 de Janeiro de 1810. E' bem conhecida a sua obra e a sua vida.

Outro recibo curioso é o que se segue e que no verso tem com a letra de José Joaquim de Castro a seguinte referencia:

1806 — Lisboa, 14 de Dezembro – Recibo de Luiz José 67$200 metal.

Depois o recibo diz:

Receby do Sr. Joze Joaq.m de Castro secenta e sette mil e duzentos reis importancia de humas Figuras de Prezepio que vendi ao d.to Snr. Campo Grande 14 de Dez.bro de 1806. São 67$200. Luis Joze le Cocq. N B cujo D.o o receby em metal.

Luiz José Le Cocq foi negociante da Praça de Lisboa e casou com D. Maria Victoria. Foram paes de João Le Cocq, Comendador da Ordem de Christo, Director da tipografia regia e director e professor da Escola Normal, tendo nascido em Castello de Vide em 8 de Março de 1798 e morrido em 19 de Dezembro de 1879. Foi um agricultor distincto, vivendo largo tempo na sua vasta quinta do Prado em Castello de Vide.

Casou com D. Maria Leonor Bacheley e foram paes do General de Engenharia Luiz Victor Le Cocq.

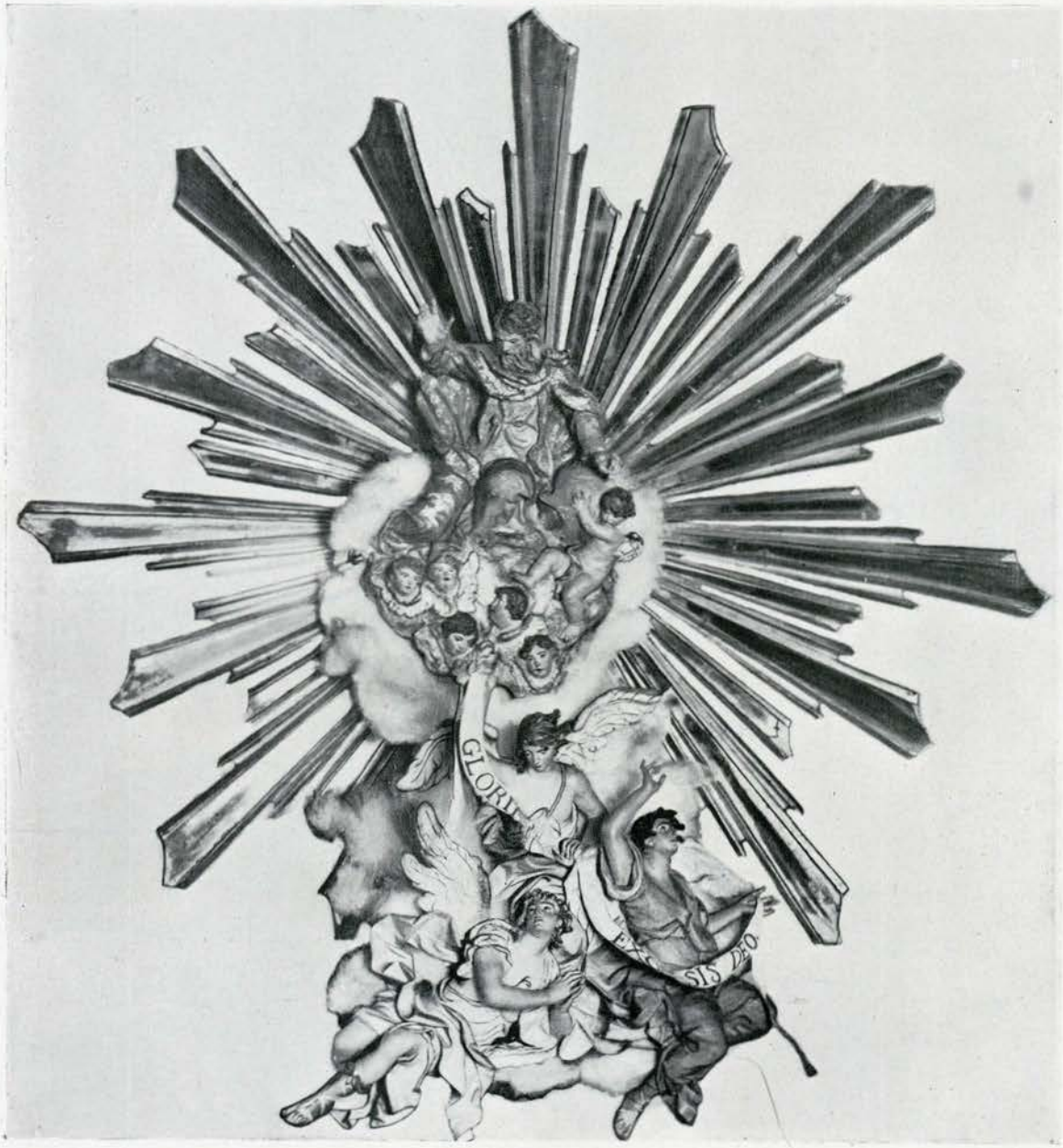
São estas interessantes referencias ás lindissimas

Rei Mago. E' o que vae na frente sobre a gruta do nascimento. Mede no maximo da altura 0m,25. E' da autoria de Joaquim Machado de Castro

figuras do Presepio principalmente da autoria de Machado de Castro e de Joaquim José de Barros que poderão servir para quem detalhadamente deseje estudar tão interessante assumpto.

Antes de entrar nas contas referentes á construcção do movel que encerra o presepio, vou referir-me um pouco mais detalhadamente ás figuras que constituem este preciosissimo grupo d'arte, principalmente aquellas de que não apresento reprodução, pois que a essas, em legenda, indico todos os promenores que me parecem interessantes.

A indicação que n'esta linguagem da carta e das



Grupo da Gloria. Está suspenso no teto do armario. Mede no maximo da sua altura 0m,87. E' da auctoria de Joaquim Machado de Castro

contas, aparece do «concerto das figuras que forão de Pedro Alexandrino», é concerteza referente á construção das bases para encaixarem no torrão geral.

Todas as figuras teem uma base de forma irregular que encaixa no torrão geral, devendo comprehender-se por «Concerto», esse arranjo.

Este concerto custou 338600. Calculo que essas figuras sejam todas ou quasi todas as que aparecem isoladas por varios pontos e que ainda são bastantes, por exemplo: Ao lado do grupo dos romeiros que despertam por um anjo lhes indicar a estrella do Oriente, grupo que fica no ultimo plano do lado esquerdo do observador, ha umas poucas de figuras; cá em baixo, no primeiro plano, ao centro do mesmo lado esquerdo do observador, dentro d'uma gruta, ha uma lavadeira; por detraz das columnas do primeiro plano existem varias figuras que as reproducções dos conjuntos não deixam ver; do lado direito do observador, lá em cima, entre o torrão da matança do porco e os camelos existe uma figura; do mesmo lado, por debaixo do grupo dos dois velhos cantores, existe outro grupo onde está uma mulher com um açafate á cabeça; lá no alto, ao pé da azanha, ha uma fonte com gente ao pé, por cima d'esta fonte, ha uma porta com pessoas, emfim ha figuras que não aparecendo descriminadas nas contas e não sendo das artisticas mãos de Machado de Castro ou de Joaquim José de Barros, são naturalmente as adquiridas a Pedro Alexandrino de Carvalho.

Grupo dos trombeteiros da autoria de Joaquim Jose de Barros. Custou 47$400 réis. Está á esquerda do observador vindo á frente dos cavaleiros que aparecem por detraz do grupo do nascimento. Mede no maximo da altura 0m,42

Ha dezenas de carneiros, ovelhas, cães e figuras de pessoas de confecção mais ligeira, que devem ser as que

Grupo do Mouro. Representa o Marquez de Bellas, D. José Luiz de Vasconcellos e Sousa, filho 2.o dos 1.os Marquezes e 4.os Condes de Castello Melhor. Nasceu o Marquez de Bellas em 9 de Julho de 1740 e casou aos 63 annos, em 29 de Novembro de 1783 com D. Maria Rita de Castello Branco Correa e Cunha, 6.ª Condessa de Pombeiro por ser filha herdeira dos 5.os Condes do mesmo titulo. Os filhos que se veem no grupo devem ser talvez os mais novos: D. João que nasceu em 29 de Março de 1793 e foi Brigadeiro e D. Guiomar que nasceu em 25 de Julho de 1804. Este grupo devia ter sido modelado por 1805 portanto teria D. João onze annos e D. Guiomar talvez poucos mezes. Parece que a figura que vae a ensinar o caminho é José Joaquim de Castro, primeiro proprietario do Presepio. Está este grupo no primeiro plano á esquerda do observador. Mede no maximo da altura 0m,35. E' da autoria de Joaquim José de Barros e custou 28$800 réis.

Cantor tocando sanfona e rapaz tocando caixa de rufo. — Este grupo está no primeiro plano, ao canto da direita do observador. Mede de altura 0m,28. Da autoria de Machado de Castro.

foram adquiridas a Luiz José le Cocq. As compradas a Pedro Alexandrino de Carvalho, custaram 260$000 e as de Luiz José le Cocq, custaram 67$200.

Ainda na conta junta á carta que atraz transcrevo, vem indicação a «tres torrões das cidadelas» com pintura, que são da autoria de Joaquim José de Barros e que custaram 28$800. Essas tres cidadelas, estão lá no alto, a seguir ao grupo da matança do porco. A primeira consiste n'uma torre torreada e ameada. A segunda está immediatamente a seguir para a esquerda do observador e está fazendo fundo ao grupo dos camelos. A terceira está tambem a seguir tendo bem visivel um arco entre duas torres.

No documento das contas de Joaquim José de Barros referente ás esculturas, indica-se o «torrão dos Camelos», que importou em 18$400 e que se vê lá no alto sahindo de entre as duas primeiras cidadelas á direita do observador.

O «torrão do eliphante» que custou 20$400, está lá no alto, ao centro, por cima aproximadamente do Rei Mago que vae á frente.

«Dito criados que acompanhão de pé», que importou em 19$200, são os grupos de negros de turbante com penacho que se veem á frente e atraz do elefante.

O «torrão da azenha» que custou 14$400, está tambem lá no alto, vendo-se a casa e a roda da azenha, tendo ao lado um grupo onde está um cavallo carregado de sacos de grão ou de farinha.

O «rapaz da columna» que custou 6$400, está entre as columnas da direita do observador, exactamente por detraz da velha da pandeireta. Na reproducção do conjuncto, não se vê, mas está muito nitido no fragmento maior do nascimento que vae reproduzido no principio d'este estudo. Finalmente, a direcção da construcção dos montes e armação do presepio, tambem de Joaquim José de Barros, importou em 28$800.

Podemos portanto dizer que de Joaquim Machado de Castro, além do torrão do nascimento e dos tres Reis Magos e das figuras que os acompanham e que estão por cima dos capiteis das columnas, são mais: o rapaz que toca caixa de rufo, o tocador de gaita de foles e o romeiro ajoelhado que está oferecendo um carneiro. Estas figuras estão todas da esquerda do observador. Da direita do observador, devem ser da autoria de Machado de Castro, o grupo da senhora ajoelhada abraçando os dois filhos que deve representar a mulher de José Joaquim de Castro e os seus dois filhos Antonio e Augusta. A velha da pandeireta e o rapaz que está

Rapaz tocando caixa de rufo. Está junto á base das columnas da esquerda do observador. Mede de altura 0m,27. Da autoria de Machado de Castro

Anjo. Está junto ao nascimento do lado esquerdo do observador. Mede de altura 0m,22. Da autoria de Machaco de Castro

ao pé; o cego da sanfona que tem o cão ao lado; a velha do galo; o cantor da sanfona com o rapaz tocando caixa de rufo; o velho e a velha cantando e tocando tendo um pequeno para pedir, que está a meio da altura da direita do observador por debaixo do grupo da matança do porco; os dois romeiros que estão sen-

Pastor que oferece um carneiro. Está junto á base das columnas da esquerda do observador por detraz do tocador da gaita de foles. Mede d'altura 0m,21. Da autoria de Machado de Castro

Camponezes. Estão a meio da altura da esquerda do observador. A altura maxima é 0m,18. Deve ser dos vendidos por Pedro Alexandrino de Carvalho

Cego cantor e tocador de sanfona. Está junto á base das columnas da direita do observador, ao lado da velha da pandeireta. Mede de altura 0m,38. Da autoria de Machado de Castro

tados ao lado dos capiteis das columnas do mesmo lado; o camponez que traz o carneiro, a creação e o rapazito que empurra o carneiro e que está sobre o capitel da columna da esquerda do observador; e finalmente o admiravel grupo da gloria que está suspenso e que representa o Padre Eterno ao centro d'um resplendor tendo cherubins aos pés e por baixo tres lindissimos anjos sustendo uma fita com a legenda «Glorie Excelsis Deo».

A caixa em que se ecerra o presepio, é tambem muito interessante e sobre ella existem quatro documentos que vou transcrever:

folha de despesa q. se fes com a obra de Doirado da Caixa do Presepio do Snr. Joze Joaq.m de Castro a semana q. findou a 16 e a 23 de Novembro de 1805.

Jornais

Joaq.m Corr.a — Dias 6		5400
Serois p.a fazer as colas e aprontar os jesos	2 —	1800
Ileuterio fereira de Aprontar a cor por dentro da Caixa — Dia e m.a		1200
Droguista de retalho jessos flor de Anil e Broxas		2340
Portes do Moso lenha e loisa		0520
Soma		11260

Joaq.m Corr.a Viegas

O recibo que se segue, tem no verso a palavra «Estancia». Este documento diz o seguinte:

No dia 5 de Setmbro de 1805 Principiarhan Pregos por estancia da Rua de S A N.te do Snr. Castro pregos do alantejo foran por custos	
ditos 2850 a 120 r. — 400	3.440
1 soma de pregos de frasquiado fino	8.000
soma	11.440

Custodio Jose Rodregues

Recebi do Sr. Joze estinislau dita contia asima declrada
Lx.a 26 q.bro de 1805

Custodio Jose Rodrigues

Com a letra de José Joaquim de Castro tem este documento a seguinte referencia:

Pg. em 28 de Nov.bro 1805	5440 rs.
	6000 rs.

O documento que se segue tem na verso a seguinte referencia:

Presepio — Pintura — Neste Maço — 465$060

Anjo Custodio. Está ao lado da base das columnas da direita do observador. Proximo do nascimento. Mede 0m,37. Da autoria de Joaquim José de Barros. Custou 24$000 réis

Depois o documento diz o seguinte:

Folha de despeza q. sefes com o Doourado da Caixa do Prezepio do Snr. Joze Joaq.m de Castro a semana q. findou a 30 de Novembro do anno de 1805·

Jornais

Joaq.m Correia Viegas — Dias — 6 — 5.400

Joaq.m Corr.a Viegas

O ultimo documento é ainda referente á construção da caixa ou armario do presepio.

Vejamos o seu contheudo:

Em face desta interessantissima documentação, varias e apreciaveis conclusões se podem tirar, sendo muito para lastimar que não haja referencias identicas a outros presepios para um dia se poder dizer alguma coisa mais sobre taes obras d'arte.

A construção da caixa ou armario onde este presepio se encontra, merece algumas observações.

A altura do armario desde o mais alto ornato até ao mais baixo extremo do pés, é de 3m,60. O armario é em canto tendo de profundidade 1m,45 e no maximo da largura 3m,30.

Dois aspectos do grupo adorando o menino Jesus. Está ao lado da base das columnas da direita do observador. A' direita da velha da pandeireta. Mede de altura 0m,25. Representa a mulher e os filhos de José Joaquim de Castro. Da autoria de Machado de Castro

folha da semana q. findou a 7 e a 14 do mes de dezembro de 1805 da obra do Doirado da Caixa do Prezepio do Snr. Jose Joaq.m de Castro digo despeza q. nas d.tas se fes a saber

Jornais

Pr.a semana q. findou a 7	
Joaq.m Corr.a — Dia e m.o	1.350
D.ta segunda q. findou a 14 do d.to	
Joaq.m Corr.a — Dias 6	5.400
Fran.co Ant.o — Dias 4 e m.o em q. fez cóla	2.250
Retalho de Plica p.a a Cóla 5 arates	0 600
Jeso Mate hoito arates	0.240
Lixas	0.120
Porte do Moso	0.060
soma	10 020
metal	

Joaq.m Corr.a Viegas

A talha com que é ornamentado é muito perfeita e, segundo se vê na conta de Joaquim José de Barros que está em seguida á carta que transcrevo, é da auctoria d'este escultor e custou 24$000.

A direcção da construcção da mesma caixa, foi paga a Joaquim José de Barros por 12$800.

Antonio Pinto, além de pintar as figuras todas ou quasi todas do presepio devia tambem ter pintado o fundo, o torrão geral e o ceu. O fundo tem arvores e casas.

As pinturas custaram 465$060.

O dourado exterior e pintura e o preparo interior para depois receber a pintura, foi feito por Joaquim

Tocador de gaita de foles. Está junto á base das columnas da esquerda do observador. Mede de altura 0m,38. Da autoria de Machado de Castro

Correia Viegas tendo como ajudantes: Eleuterio Ferreira e Francisco Antonio.

Os diferentes recibos lá indicam todo este trabalho.

*

* *

Com o titulo «Imaginarios e Barristas — Presepios de Evora (apontamentos para estudo) — Imprensa Nacional de Lisboa — 1929», publicou á pouco o Sr. João Rosa, da Associação dos Arqueologos, um interessante folheto com colaboração artistica do Sr. Alberto de Sousa, tambem do mesmo Instituto Scientifico.

Os titulos dos capitulos dessa publicação, são:

— Evora, relicario de arte e paraiso de Arqueologos e de Aguarelistas.
— A Natividade, grande atracção dos artistas coroplasticos no seculo XVIII.
— Os «Passos» de Vale Verde e da Serra de Ossa e os seus artisticos barros.
— Os barros do Paraiso e a Munificencia do seu protector D. Alvaro da Costa.
— O presepio do Salvador, de Evora, resiste á acção do tempo e dos homens.
— Reliquias Maravilhosas do presepio que pertenceu a Cunha Rivara.
— A Curiosa Natividade que se exibe numa das capelas da Sé de Evora.
— Precioso exemplar de presepio no Museu da Misericordia de Estremós.
— Notas e Bibliografia.

Se os oito capitulos illustrados que constituem o trabalho do Sr. João Rosa são muito apreciaveis, o ultimo, o referente á Bibliografia é precioso como base para o estudo sobre os presepios, pois dá noticias de muitos elementos de valor.

*

* *

Com o titulo «Os Presepios de barro» publicou o

Velha que vae oferecer um galo. Está no primeiro plano proximo do canto á direita do observador. Mede 0m,27. Da autoria de Machado de Castro

Sr. Dr. João Barreira um interessantissimo artigo a paginas 514 e seguintes do Volume I da segunda serie dos «Serões — Revista Mensal Illustrada» — Lisboa 1905.

Vou transcrever deste artigo o que sob presepios

Camponez e rapaz que vão oferecer um carneiro e creação. Está sobre os capiteis das columnas da esquerda do observador. Mede de altura 0m,20. Da autoria de Machado de Castro

em geral nos diz o Sr. Dr. João Barreira, esperando que este illustre critido d'arte de reconhecido merito me perdoe.

– E quem se lembrou, afinal, de modelar a primeira representação plastica da estrebaria desabrigada onde nasceu Jesus, e em volta de cujo berço se entoaram os primeiros canticos, por zagaes ainda de carne e osso, que acorriam dos arredores com suas gaitas e pandeiros ? Foi precisamente o *poverello* de Assis, esse suave S. Francisco, cuja humildade se egualou á da rasteirinha herva, e que quiz fazer da representação de estabulo de Belem, um luminozo quadro vivo da adoração para os simples. Pelo menos, assim o contam as suas chronicas, segundo refere um velho livro provençal: «Sabemos pelas chronicas da sua Ordem que este homem seraphico fez um oratorio no dia de Natal, onde representou o mais natural possivel o Nascimento de Nosso Senhor, depois de ter obtido licença da Santa Sé, com receio de que, se o não fizesse, fosse condemnada aquella novidade. Escolheu uma pobre e comprida estrebaria, tão comprida e tão injuriada pelo tempo que estava desmantelada, e sem telhado a mais de meio. Os arranjos que a sua devoção lhe deparou foram uma engenhosa mistura de papel, palha e musgo. O sitio era alumiado por muitas velas e lampadas, e as figuras de madeira que representavam o Menino Jesus, a Virgem Maria sua Mãe, e o bemaventurado S. Joseph, estavam postos ao pé de um jumento e de um boi, que elle mandou vir com palha e feno para sustento dos mesmos animaes. Como esta estrebaria fosse visitada por grande numero de religiosos que alli iam fazer suas orações diante das imagens de madeira, espalhou-se pelos arredores a fama da nova devoção, e chamou os camponezes das cercanias que foram os primeiros a adorar o verbo encarnado, fazendo a sua homenagem com violas e bandolins...» A Congregação do Oratorio transmitiu aos conventos de Marselha, e estes ás familias, o nucleo dos presepios figurados, que em breve se espalharam por toda a Europa Christã. A *feira dos santinhos* é ainda hoje, e desde esse tempo remoto, o local onde vão aprovisionar-se da imaginaria popular os que anualmente armam os presepios em quasi todo o sul da França.

A fundação portanto dos presepios é devida a S. Francisco de Assis que inventou um processo de inicio cheio de simplicidade em arte, mas mais tarde de largo desenvolvimento artistico como são alguns presepios notaveis, verdadeira manifestação da mais bella escultura.

O admiravel presepio mandado fazer por José Joaquim de Castro, mereceu uma interessantissima descrição ao Sr. Dr. João Barreira, que eu espero da sua velha amizade, me perdoe de tambem transcrever:

—... abre a brilhante romagem no primeiro plano á esquerda um grupo encantador de quatro figuras, que me dizem ser os Marquezes de Bellas, os quaes passavam pelo mais lindo casal da epocha. A Marqueza tem uma physionomia deliciosamente ingenua á Greuze, emoldurada com tocante simplicidade numa touca de folhos e leva em maternal gesto de aconchego, um pequenito ao colo; o

Cego pedinte. Está junto á base das columnas da direita do observador por detraz do cego da sanfona que tem um cão ao lado. Mede 0m,29. Deve ser dos comprados a Pedro Alexandrino de Carvalho

Marquez, mais velho, de barba grisalha n'uma formoza e grave face de expressão, traja á oriental, turbante sumptuoso, casaco de alamares de ouro, botas *á propheta*; e junto d'elle, um pequenito, talvez seu filho, com o mesmo trajo de drama sacro, ergue a cabeça com olhar de submisso espanto. Na frente, um pastor serve de guia, vestido á moda syriaca, segurando um anho votivo, e com a physionomia que em geral os figurantes que representam a paixão de Christo dão ao Jose da Arimathea. Mas o que há de mais caracteristico nos presepios ricos do seculo XVIII é a impressão de apotheose que de tudo irrompe, em tudo vibra, a caudal de figuras convergentes para o grupo central, recolhido sob o telheiro desmantelado que se apoia em columnas corinthias como fragmentos da antiga Palmyra, e onde o Menino Jesus e a Virgem, S. Jose e o Anjo, junto dos pacificos animaes seus companheiros, formam o centro compositivo. Ao alto, uma triade de anjos em gloria paira retumbrante, em fluxuosas curvas de alegoria. No ultimo plano, o plano superior, desdobram-se as muralhas ameadas de Jerusalem, intervaladas de terrões e minaretes, com suas portas emolduradas de esculturas como altares; no estylo D. João V, e que dão passagem ao interminavel e ondulante cortejo dos Reis Magos. E todo o Oriente de convenção, o Oriente dos autos e das procissões, do Rei David e de Kaiphás, desenrola a fila dos seus animaes e dos seus adornos, dos seus oiros e das suas purpuras, das suas plumas e dos seus diadêmas. Os Camellos trazem oscilantes baldaquinos de brocado de oiro, por cujas frestas espreitam cabeças exoticas cheias de curiosidade; macissos de desgraciosos elephantes seguem com passadas vagarosas e taciturnas, encimados por torres de guerra, achairelados de velludo estrellado de oiro, com franjas de pezadas borlas que pendem até ao chão; e os cavallos escarvam em movimentos de nobre impaciencia, de caudas, de crinas esparsas e ondulantes, com arreios de fivellas de oiro, chaireis de bordados de oiro, penachos heraldicos cravados em firmaes de oiro. Na sella arabe, os cavalleiros tem gestos imperiaes indicando o caminho de Belem, attitudes orgulhosas de cabeça, e avançam fidalgamente como para um torneio, com seus turbantes á moda barbaresca. Na frente, em tres cavallos nobremente pacificos, Balthasar, Melchior e Gaspar seguem cheios de bondosa Magestade, olhando a estrella guiadora, com os mantos de arminho caindo em prégas impécaveis. Nas torroes que fazem a montuosidade rustica do chão, zagaes com anhos balando, moçoilas tocando pandeiro, ou conduzindo casaes de pombos e gigas de ovos, alternam com almocreves de manta alemtejana que, n'uma alta, dessedentam récuas de machos em chafarizes recolhidos sob ramarias umbrosas: cegos tocando sanfona, cobertos de andrajos de estylo, por cujos rasgões se veem vigorosas e morenas anatomias; e em logares afastados, ao pé de um moinho ou de um casebre onde jumentos carregados de saccas esperam pacientes, pastores retardatarios acordam deslumbrados sob o halito leve d'um anjo, que lhes aponta o luzeiro rutilante. Por fim, os das trombetas e das charamellas abrem o cortejo, n'um estridor colorido de metaes, de sedas, de turbantes, as faces entumecidas a soprarem nos instrumentos com sympathica e grotesca convicção. Sob o caramachel, todo o movimento se recolhe, toda a alegria se concentra, e as mais graciosas attitudes de adoração prostram pastores e anjos, camponezes e legionarios, com espirituaes ou adociados sorrisos de intimo contentamento. A Virgem é sempre a figura em que os dedos do barrista mais amorosamente, mais respeitosamente se detiveram, e o seu gesto é ao mesmo tempo senhoril e humilde, a face oval e pura, levemente tingida por um sorriso de incuba melancolia. A modelação de todas as figuras é, como disse, de um convencionalismo que não exclue o caracter, e a anatomia, acusada com demasiado vigor, por vezes afectada e incorrecta, dá comtudo aos membros o que quer que seja de elastico e movimentado que se casa com o gesto, ora voluntarioso ora elegante.—

Velha tocando pandeireta. E' das mais bellas modelações do presepio. Está junto ás bases das columnas da direita do observador. Mede de altura 0m,40. Da autoria de Machado de Castro

— Transcrevendo esta brilhante descrição do D.or João Barreira, que nella se manifesta um verdadeiro critico d'arte, dispensei-me de tentar dizer o que senti nas muitas horas de contemplação que, de tão boa vontade, tenho dispendido em frente dessa mara-

vilhosa obra d'arte, ainda no Palacio da Rua de S. Mamede ao Caldas, quando em poder do fallecido Conselheiro Fialho de Castro, e ultimamente no esplendido Museu do Sr. D. Francisco de Almeida, instalado no seu suptuoso palacio do Largo do Barão de Quintella.

Não posso nem sei fazer um estudo minucioso e detalhado do riquissimo presepio em questão, mas com permissão do seu Illustre Proprietario, venho-o dar a conhecer aos estudiosos e aos amadores de arte, por meio de gravuras.

O Director do Museu Nacional de Baviera, em Munich, Sr. D.r Rudolf Berliner, vae publicar uma obra sobre presepios e natividades de todo o mundo, para o que veio buscar elementos a Portugal.

O meu velho amigo Luiz Keil, conservador illustre do Museu d'Arte Antiga, acompanhou-o em visita detalhada aos melhores presepios ainda existentes e aos melhores grupos de figuras de presepio, que existem conhecidos.

Com a devida auctorisação do Sr. D. Francisco d'Almeida, cedi 18 fotografias do presepio de que estou tratando e que vão figurar n'essa monumental obra.

Tambem ali serão reproduzidos conjuntos e alguns trechos pelo menos dos presepios da Sé de Lisboa e da Basilica da Estrella.

Disse-me o Sr. D.r Rudolf Berliner, que as imagens de barro portuguesas, que ia reproduzir na sua obra, ficariam em identica cathegoria ás melhores que encontrou tambem de barro no resto das suas vastas perigrinação em procura destas preciosidades.

Ainda bem portanto que Portugal vae figurar com brilho n'uma obra que tão apreciada será.

Foi Joaquim Machado de Castro o autor das figuras que fazendo parte dos primeiros planos do Presepio, não estão incluidos nas contas de Joaquim José de Barros, de Pedro Alexandrino de Carvalho e de Luiz José Le Cocq.

Tambem Machado de Castro foi o auctor do grupo suspenso, chamado da Gloria.

O grande escultor conimbricense bem merece o o nosso reconhecimento pelos seus monumentaes dotes do artista eximio e pela escola que deixou.

Muitos estudiosos teem feito referencia á vida e obras de Machado de Castro, servindo-me de guia em alguns periodos que lhe vou dedicar o trabalho mais completo que conheço e que se institula :

—Joaquim Machado de Castro—Escritor Conimbricense — Noticia biografica e compilação dos seus escritos dispersos por Henrique de Campos Ferreira Lima — Socio correspondente da Academia das Sciencias de Lisboa — Coimbra — Imprensa da Universidade — 1925 —

Pastores. Estão ao lado dos capiteis das columnas da direita do observador. O vulto de pé, mede 0m,22. O vulto sentado, mede 0m,16. Da autoria de Machado de Castro

— Esta bela obra constitue a XVI dos «Subsidios para a Historia da Arte Portuguesa», que a Imprensa da Universidade vem publicando sob a Direcção do erudito Dr. Joaquim de Carvalho.

Vejamos uns rapidos elementos referentes a Joaquim Machado de Castro.

Nasceu em Coimbra a 19 de Junho de 1731, sendo baptisado na freguezia da Sé da mesma cidade em 27 d'aquelle mez e anno conforme consta de folhas 176 do livro de baptismos respectivo.

Era filho de Manuel Machado Teixeira e de sua mulher D. Thereza Angelica de Castro.

Manuel Machado Teixeira, tambem éra dotado de grande habilidade, modelando com facilidade. Enviuvando, casou segunda vez com D. Josefa da Cerveira pelo que o filho, Joaquim Machado de Castro resolveu abandonar a casa paterna e vir para Lisboa entre 1746-1747.

Em Lisboa trabalhou com o escultor em madeira,

Nicoláu Pinto que por fim de mestre passou a discipulo do proprio Machado de Castro. Passou depois para a escola de José d'Almeida, o conhecido autor que foi estudar a Roma a espensas do Rei D. João V. Machado de Castro foi depois para Mafra trabalhar com o estatuario italiano Alexandre Giusti, onde esteve de 1756 a 1770.

Em 21 de Março de 1771 apresentou no Paço o seu modelo para a estatua do Rei D. José I para em confronto com um estatuario italiano, ser escolhido um dos modelos.

Foi preferido o de Machado de Castro.

Em 10 de Março de 1772 tinha prompto o modelo com gesso. Em 27 de Maio de 1775 foi elevada a estatua no soberbo pedestal que ainda hoje a mantem.

Parece que a recompensa por tal trabalho foi a merce do Habito de Christo com trinta mil reis de tença effectiva.

Foi professor da Arte de Escultura de Cantaria e Deliniador do risco das obras de Cantaria da Casa do Risco da Arsenal Real.

Em 11 de Setembro de 1782 foi nomeado escultor da Casa Real.

Em 11 de Agosto de 1802 foi encarregado de dirigir e executar todos os trabalhos da escultura que fossem necessarios no Palacio da Ajuda e nas outras obras Reaes. Em 9 de Fevereiro de 1814 foi eleito socio da Academia Real das Sciencias de Lisboa.

Grupo de cantores populares. Está n'uma saliencia a meio da altura da direita do observador. Mede no maximo 0m,22. Da autoria de Machado de Castro

Inumeros trabalhos de escultura nos deixou e inumera foi a sua produção literaria em prosa e em verso.

Joaquim Machado de Castro foi casado tres vezes, sendo a ultima com D. Ana Barbosa de Sousa. Foi apenas deste casamento que deixou a seguinte descendencia:

— Diogo José Machado que foi Coronel de Cavalaria da Legião de S. Paulo. Morreu no Brazil.

— José Xavier Machado, Mathematico que cegou e morreu de uma apoplexia.

— D. Mariana Perpetua de Castro e Souza.

— Maria Benedita de Castro e Sousa.

Não sei se houve descendentes destes quatro filhos de Machado de Castro.

Henrique de Campos Ferreira Lima, auctor da maior e mais importante obra sobre o escultor, dá muitas outras notas importantes para a sua biografia e para a relação dos seus trabalhos artisticos e literarios.

Cabe agora aqui dizer que há uma pequena confusão n'uma nota que o meu querido e velho amigo Tenente Coronel Ferreira Lima, publica a paginas XXXIVda sua referida obra.

Fazendo referencia aos Presepios da Autoria de Machado de Castro diz:

- Porem dos existentes apenas três são, autenticamento, deste artista: o da Sé de Lisboa, doado pelo Beneficiado Oliveira e de que tratou Julio de Castilho a pag. 226 do vol. IV da «Lisboa antiga»; Sousa Viterbo a pags. 61-62 das «Annotações artisticas e archeologicas». Lisboa, 1912; o Sr. João Barreira no artigo «Presepios de barro», nos Serões, vol. I da 2.ª serie e José Queiroz na «Ceramica», pags. 290-292; o que pertenceu ao celebre Abade de Castro, adquirido, há pouco, pelo Sr. D. Francisco de Almeida ao Sr. Fialho de Castro e o da basilica da Estrella...

Num presepio, pertencente ao Sr. Dr. Pulido Garcia, a que se refere José Queiroz na «Ceramica», há figuras de Machado de Castro e de Joaquim José de Barros. O da Sé está assinado: Joach. Machado Castro, inuen. et fecit. 1766.

Ora sucede que o presepio mandado fazer por José Joaquim de Castro, não me parece que tivesse sido propriedade do Abade de Castro como pelas referencias e documentos que constituem este estudo, se pode verificar. O abade de Castro era amigo da casa, consta que era até da familia mas ainda não conseguimos saber em que grau.

O Abade de Castro, Antonio Damazo de Castro e Sousa nasceu em Lisboa em 11 de Dezembro de 1804, sendo filho de Antonio Caetano de Castro e de sua mulher D. Ursula Rosa de Souza.

Escritor historico e archeologico, o Abade de Castro não teve posibilidade de ser proprietario do Presepio de José Joaquim de Castro que andou sempre nos seus descendentes como atraz disse.

Pelos documentos que transcrevi, o presepio foi feito pela ocasião em que nasceu o Abade de Castro.

Agora outro caso ainda referente á nota acima transcrita da obra do Tenente Coronel Ferreira Lima.

Grupo de pastores que é despertado por um anjo que indica a estrela do Oriente (Torrão de Recorde). Esta no ultimo plano á esquerda do observador.
As ruinas com o anjo medem, no maximo de altura, 0m,27 ; o grupo dos romeiros, no maximo da altura, 0m,46. E' da autoria de Joaquim José de Barros e custou 35$200 réis.

Grupo de guerreiros a cavalo. Está no plano superior aquelle em que estão os Reis Magos. No maximo da altura até ao extremo da haste do Labaro, mede 0m,27.
Este grupo deve ter sido vendido por Pedro Alexandrino de Carvalho

Grupo de Cavalos espantados. Está no segundo plano, sobre os capiteis das columnas da direita do observador. Mede no maximo 0m 19.
E' natural que seja dos vendidos por Pedro Alexandrino de Carvalho

Matança do Porco. Está no alto á direita do observador. Mede no maximo da altura 0m,46. E' da autoria de Joaquim José de Barros e custou 38$400 réis

Considera este illustre academico como se fosse um outro presepio, o que pertenceu ao Dr. Pulido Garcia e a que se refere o falecido José Queiroz na sua obra «Ceramica».

Ora como acima deixei exposto, o presepio mandado fazer por José Joaquim de Castro, pertenceu por sua morte a sua filha D. Augusta Fialho de Castro casada com Francisco José de Castro Lemos que o deixaram a sua filha D. Maria Augusta de Castro e Lemos que foi casada com o Dr. Francisco Pulido Garcia.

Durante uma temporada, portanto, foi o citado presepio propriedade do Dr. Pulido Garcia, o que tem dado a confusão de se julgar que se trata d'um outro presepio, por os escritores que se referem a elle durante o praso que foi do Dr. Pulido Garcia, não lhe indicaram a origem.

D. Maria Augusta de Castro e Lemos morrendo sem herdeiros legou este presepio em testamento a seu primo o falecido Conselheiro Augusto Carlos Fialho de Castro.

Reprodução d'uma photographia da collecção de retratos do sr. Tenente-Coronel Henrique de Campos Ferreira Lima

Fica portanto assim desfeita a informação dada pelo meu amigo Ferreira Lima que, como aliás sucede tantas vezes, a recebeu como optima e a transcrevem de boa fé.

Não é isto um caso que o possa desgostar, pois é missão dos que estudam, procurarem emendar-se uns aos outros, visto que o nosso intuito é bem servir quem nos consulte.

José Queiroz na sua «Ceramica Portugueza», Lisboa, 1907, a paginas 288 diz :

— Obra de dois dos mestres da escola de Mafra, Machado de Castro e Joaquim José de Barros, é o presepio que pertenceu ao Dr. Pulido Garcia

E' duplamente interessante, por figurarem, n'um dos grupos do primeiro plano, os Marquezes de Bellas.

Sobre este belo conjunto de esculturas de barro, escreveu ha pouco o Dr João Barreira, n'um estylo encantador e pittorescamente portuguez : «segundo curiosos documentos que me foram amavelmente confiados, amabilidade que aqui penhoradamente agradeço, sabe-se que parte das figuras foram compradas ao pintor Pedro Alexandrino, cujo recibo existe, e que outras foram compradas a Luiz José Lecoq do Campo Grande, sendo o presepio armado por Joaquim José de Barros, mestre de escultura, que fez *torrões* (assim chamavam aos fragmentos da montanha com suas figuras) e os respectivos personagens, que foram pintados por Joaquim Correia Viegas. A factura é analoga, mas as figuras atribuidas a Machado de Castro são mais nobres e mais artisticamente pintados, pois talvez o fossem pelo proprio Pedro Alexandrino.»

Esta nota foi transcrita por José Queiroz do artigo do Dr. João Barreira do que atraz transcrevo parte.

Vê-se pela mesma nota que o Dr. João Barreira não viu todos os documentos que transcrevo, pois por elles se depreende que o pintor das figuras foi Antonio Pinto e que Joaquim Correa Viegas foi apenas o pintor do Armario ou caixa.

E assim termino estes elementos que me parece poderão ser uteis aos estudiosos.